

AS FACES DO RACISMO BRASILEIRO NA FALA EMOCIONADA DE UMA GRIÔ: O ENCONTRO DE UM ADOLESCENTE NEGRO COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA (MURICILÂNDIA-TO)

¹Aldo Luiz Siqueira Freitas, Hélio Márcio Nunes Lacerda²,

¹Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática, IFTO-Campus Araguaína - e-mail <odlazilu13@gmail.com>

²Professor EBT do IFTO-Campus Araguaína, Mestre em Ensino de Língua e Literatura - e-mail: <helio.lacerda@ifto.edu.br >

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de campo, produto de uma Visita Técnica, organizada pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFTO-Campus Araguaína, no dia 12 de maio de 2018, no Quilombo Dona Juscelina, em Muricilândia - município da Microrregião de Araguaína, Norte do Tocantins. A Visita foi antecedida por uma oficina sobre o método etnográfico: caderno de campo em mãos e disposições para olhar, ouvir e escrever o que viriam a vivenciar no Quilombo. Como resultado desse trabalho de campo, o artigo é escrito na primeira pessoa e se desenvolve em dois eixos. O primeiro trata do encontro entre os autores no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) Campus Araguaína, destacando os lugares de fala de cada um deles: da experiência escolar do aluno e da experiência profissional do professor. No segundo eixo, o estudante traz o seu relato de campo, cuja questão central é o despertar de um sentimento e de uma reflexão sobre a questão do racismo, a partir da escuta de um relato da Griô Dona Juscelina, que dá nome à Comunidade Quilombola visitada, de um modo que jamais havia sentido e que trouxe um grande impacto à sua visão de mundo, como adolescente negro. Ao final, professor e aluno discutem os impactos dessa visita técnica em suas vidas e nas dinâmicas do NEABI-Campus Araguaína.

Palavras-chave: NEABI-Campus Araguaína, Lei 10.639/2003, Quilombo, Racismo.

1 INTRODUÇÃO

A Rede Federal de Ensino, Ciência, e Tecnologia (Rede EPCT) foi criada pela Lei 11.892, no ano de 2008. O Campus Araguaína entrou em funcionamento no ano de 2009 (Portaria 862). A Rede EPCT traz uma proposta inovadora ao ensino público, alocando numa mesma unidade escolar ou Campus a educação básica e a educação superior. Isso significa que num mesmo turno podemos encontrar estudantes de ensino médio, de graduação e de Pós-Graduação, e até mesmo alunos que sequer diplomados são em cursos de formação inicial e continuada. Em outros termos, os IFs resolvem o gargalo existente entre esses dois níveis de ensino.

Outro fator importante de inovação é a institucionalização de núcleos de estudos dedicados à pesquisa, bem como a estruturação de planos de ação pertinentes às minorias. Assim, este trabalho, apresenta experiências concretas, resultado dessa política educacional que coloca no centro das atenções da comunidade escolar a preocupação com as minorias.

Essas experiências encontram-se objetivadas no relato etnográfico sobre os processos que envolveram a Visita Técnica, organizada pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFTO-Campus Araguaína. Usaremos a sigla NEABI sempre que nos referirmos ao Núcleo. A visita técnica ocorreu no dia 12 de maio, no Quilombo Dona Juscelina, município de Muricilândia, localizado na Microrregião de Araguaína.

O texto está organizado da seguinte forma: a Introdução traz um breve relato das atividades que ocorrem no NEABI e do encontro dos autores, professor e estudante. As atividades do NEABI se amparam na Lei 10.639/03, que trouxe a obrigatoriedade do ensino de cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. A metodologia, por sua vez, documenta o relato de campo do estudante-autor. E, por fim, nas considerações finais, os autores, professor e estudante, discutem os impactos

dessa visita técnica em suas vidas e nas dinâmicas do NEABI-Araguaína, destacando o interesse pela pesquisa provocado por essa visita técnica e os trabalhos que estão emergindo no Núcleo.

O Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas no Campus Araguaína

O Campus Araguaína conta com dois núcleos: NEABI-Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e NAPNE- Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidades Específicas. O primeiro iniciou as suas atividades no ano de 2016 (Portaria 238/2016), já o segundo teve vigência efetiva em Abril de 2018. Formal e institucionalmente, o NEABI existe a partir de Novembro de 2016. Havendo, porém, atividades voltadas às questões étnicas desde 2014, quando da realização da I Semana Negra de Estudos Étnico-raciais. O Núcleo surge, então, para formalizar um conjunto de ações que, felizmente, já ocorria, dando-lhe um caráter permanente e institucional. O Núcleo realiza anualmente a Semana Negra de Estudos Étnico-raciais, em que há apresentação de pesquisas, palestras, rodas de conversa, desfile de beleza Afro, oficinas de turbante, de tranças, de maquiagem e apresentações culturais de matrizes africanas. Em 2018, o NEABI já promoveu a I Semana Indígena e a V Semana Negra de Estudos Étnico-raciais. Atualmente o grupo se reúne vespertinamente, às Quartas-feiras, depois da aula.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho parte da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Com o respaldo constitucional, mobilizamos pesquisa bibliográfica pautada nos seguintes autores: Antonio Sérgio Guimaraes, Florence Weber et al.

A Visita Técnica ao Quilombo Dona Juscelina teve três etapas: 1) uma oficina sobre o método etnográfico para que os estudantes tivessem algumas noções básicas de Antropologia e saberem como se comportar num trabalho de campo em um quilombo; 2) a execução - ida ao quilombo: com caderno de campo para registrar conversas, olhares e curiosidades, ouvindo, vendo e escrevendo o que se veria; 3) a produção de um relatório da visita e apresentação do mesmo no NEABI.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ano de 2017, iniciei o ensino médio integrado em informática no Campus Araguaína do Instituto Federal do Tocantins. Eu havia cursado o ensino fundamental em uma escola da rede estadual tocaninense, onde, inclusive, a minha mãe atuava como professora (hoje aposentada) e, inclusive, fui seu aluno. Foi graças aos esforços e incentivos dados por colegas e pessoas próximas que me preparei para conseguir ser aprovado no processo seletivo do IFTO.

Nessa mudança de escola, fiquei impressionado com a estrutura do Campus Araguaína e com a qualidade dos professores que ali encontrei. Passei por um processo de adaptação, que não aconteceu de imediato. No começo encontrei dificuldades pela maneira em que a instituição tratava o aluno e o ensino; aos poucos fui aprendendo a lidar com essa metodologia distinta, o que tornou a minha vida mais tranquila.

O ano de 2018 iniciou com uma novidade: fui convidado pelo professor Hélio Márcio para compor, com outros colegas do Instituto, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Eu havia sido seu aluno no ano de 2017, onde fui apresentado e conheci sua metodologia. Além disso, eu já nutria certa curiosidade sobre esse Núcleo, especialmente, após acompanhar em 2017 os trabalhos desenvolvidos na Semana Negra, evento celebrado na Semana da Consciência Negra, promovendo ações que motivam e aproximam as pessoas com o Núcleo - posso dizer, então, que sou fruto de todo o trabalho do NEABI!

A preparação para a Visita técnica à Comunidade Quilombo Dona Juscelina

Em 9 de maio -, três dias antes da viagem ao Quilombo - a antropóloga Dr^a Rita de Cássia Domingues Lopes, professora da UFT, proferiu uma palestra no NEABI sobre trabalho de campo. Ela explicou e nos orientou sobre comportamentos nas interações com as pessoas do e no local de pesquisa. Ressaltou a importância de nos mantermos unidos ao grupo para não acontecer

desaparecimento. Também explicou sobre técnicas de observação e trabalho de campo, de escrita em caderno de campo, e redação de trabalho etnográfico.

No caminho!

No dia 12 de maio (um sábado), acordei por volta das 5h50. Apesar de ter dormido bem, levantei da cama ansioso. No café da manhã tive uma conversa entusiasmada com minha mãe sobre a Visita Técnica no Quilombo. Ficamos, então, imaginando o que eu descobriria por lá, como ex-professora de história.

Por volta das 6h30, meu pai me levou de carro à escola (Campus Araguaína)¹. Fiquei por mais de meia hora à espera da saída e comentei com alguns colegas sobre a expectativa da viagem e a preocupação para evitar gafes. Também estávamos preocupados com a hidratação devido ao calor que íamos enfrentar em campo e até mesmo durante a própria viagem. Por isso, além das garrafas individuais, levamos um galão de 20 litros. Também levamos alimentos para colaboração no almoço coletivo que haveria por lá e outros alimentos para consumo individual no decorrer do dia.

Cerca de 22 estudantes se inscreveram para a Visita Técnica. Dentre eles, dois faltaram, e outro - um colega muito querido pelo grupo - chegou quando o ônibus já estava no portão. Como ele costuma se atrasar sempre, a sua entrada no ônibus foi motivo de comemoração e risos. A viagem foi realizada com ônibus do Campus Araguaína, conduzido pelo motorista Dorival. Viajamos por cerca de uma hora. Pelo caminho os estudantes cantaram várias músicas: de sertanejo à funk, de tecnobrega à pop. A viagem foi muito animada e serviu para a paulista Juliana Basilio - professora que trabalha no Campus Colinas do Tocantins e que nos acompanhou na viagem - se soltar um pouco e "entrar no ritmo tocaninense da coisa".

Durante o dia fomos conduzidos pelos professores Hélio Márcio, Cristina Souza (PEBTT do Campus Araguaína) Juliana Basílio e pela Coordenadora Sandra Milhomem.

O trabalho de campo: um dia no 45º Festejo da Abolição da Comunidade Quilombo Donas Juscelina!

Na chegada à comunidade, a primeira impressão e choque que eu tive foi o fato de ser um Quilombo Urbano. No caminho, eu imaginava que iríamos a uma comunidade afastada da cidade e com pouca ou quase nenhuma infraestrutura, já que a imagem que eu tinha de uma comunidade como essa era a do Grotão, localizada há poucos quilômetros de Araguaína, e onde eu havia ido há muito tempo.

Houve de cara um contato que chamou atenção: o fato de ser um local com infraestrutura, com toda a dimensão do Quilombo ser asfaltado, ter saneamento básico e iluminação pública, água encanada - coisas que eu não esperava encontrar na viagem. Também me surpreendeu o evento ser organizado e patrocinado pela prefeitura de Muricilândia. Para mim, isso demonstrava algum interesse do poder público pela conservação da identidade da cidade de Muricilândia, algo que não é muito comum entre o executivo, porém após uma pesquisa rápida, descobri que o vice-prefeito era quilombola e, que, a maior parte da população da cidade é negra.

Ao descer do ônibus fizemos uma foto do grupo. Alguns passos adiante e já estávamos numa das ruas preparadas para o festejo. Notei que existia uma preocupação acolhedora das pessoas que faziam parte do Festejo. Fomos acolhidos de tal forma que nos sentimos agradados e à vontade no espaço da festividade. Recebemos orientações no espaço de credenciamento do evento. Além disso, recebemos orientações sobre por onde se direcionar para as oficinas e local de refeição, além do conhecimento do espaço. Nessa acolhida, recebemos total apoio e sentimos certa liberdade para pesquisar e explorar as matérias que foram encontradas por lá. A relação dos professores do IFTO já estabelecida com pessoas do Quilombo ajudou muito: a valorização do modo de vida da comunidade,

¹ É recorrente o tratamento dos Institutos Federais como "escola" por aqueles agentes sociais que lidam com a educação básica. Em outras palavras, as referências à instituição parece vinculada diretamente ao nível de ensino em que vivem num determinado momento.

fazendo valer com esta visita uma propagação de uma convivência totalmente válida e que merece ser respeitada, mas que por falta de conhecimento isso se torna mais difícil de acontecer.

Mas desde o planejamento da viagem, dentre todas as informações que recebemos sobre o Quilombo, eu desejei ver pessoalmente Dona Juscelina, fundadora da Comunidade Quilombola que leva o seu nome. Fiz uma imagem dela. Imaginei uma mulher forte que lutou arduamente contra o racismo e as políticas de embranquecimento que enfrentou, conseguindo manter e coordenar esta comunidade.

No Festejo pude perceber que ela era muito mais do que eu havia imaginado e pude perceber a dimensão do seu papel no Quilombo, na luta pelo reconhecimento da sua Comunidade em Muricilândia e pela memória, para não deixar cair no esquecimento, toda a violência sofrida pelas gerações de negros que foram escravizados no Brasil. As atividades formais do evento iniciaram às 9h, os griôs foram os primeiros a compor a mesa da manhã, entrando em forma de cortejo. Os jovens que militam no quilombo lhe pediram a bênção antes do início. A Griô Dona Juscelina teve a primeira palavra. À sua voz, me emocionei muito, porque detalhou e trouxe aos que assistiam tudo todo o enfrentamento que fez. Ela falou sobre a luta que foi chegar à Muricilândia e dar início a toda a comunidade onde ela é a líder de 236 famílias residentes.

O discurso de Dona Juscelina me fez rebuscar os meus antepassados. A suas palavras soaram de uma maneira muito diferente para mim: foi a primeira vez que vi uma senhora negra, de idade, falar do seu conhecimento e da vivência sobre o projeto de branqueamento da população brasileira no século XX e que foi chamado de democracia racial - termo forjado pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, na década de 1930, e que se irradiou para toda a sociedade brasileira.

As dificuldades que passou ao longo da vida não a desmotivaram, pelo contrário, lhe motivaram a seguir nessa caminhada de luta contra o racismo e reconhecimento de seu povo. O seu discurso detalhou, em meio a sorrisos, lembranças tristes de como foi todo o ciclo de luta contra aquilo que era imposto na sociedade e que ainda dura. Uma lágrima começou a escorrer pelo seu rosto; na voz trêmula e um tanto cansada de uma mulher negra se fez possível, para todos os presentes, na hora, compreender as marcas do período escravista. As palavras dela me tocaram de tal forma que foi difícil conter a emoção. Eu, como jovem negro imaginei e me coloquei na situação dos negros que passaram pelo o que ela passou, pelos que tombaram na luta e não suportaram as consequências do sistema escravista. Mas, em meio a tudo isso, também sorri e senti orgulho de saber que existem pessoas dispostas a lutar pelo ideal importante como a luta contra o embranquecimento e apagamento dos traços negros, não só dos fenótipos, mas das marcas culturais dos negros.

No plano cultural e em comerciais e anúncios publicitários vigora uma estética branca, em que se quer fazer do Brasil um país embranquecido. Dona Juscelina é mais uma entre tantas e tantas que tiveram suas vozes caladas, não puderam falar. E, por não falarem não escancaram as marcas que todo esse período escravista deixou nelas. São marcas que, ao meu ver, os negros sentem e vivem até hoje. Eu sinto essas marcas enquanto jovem negro de cabelo crespo. Imaginando a conjuntura atual é difícil associar a imagem de alguém bem sucedido a uma pessoa que use um cabelo *black*, por exemplo. Notei que não existia ódio naquelas lágrimas de Dona Juscelina. Havia, sim, uma dor profunda que nem o tempo é capaz de atenuar.

Ainda pela manhã ocorreram duas palestras com pesquisadores que investigaram as questões étnico-raciais e quilombolas. Dentre os temas abordados: o processo de reconhecimento formal de uma comunidade quilombola, trâmite que faz caminho pelo governo federal. Soube ali que tal reconhecimento ajuda muito os moradores de comunidades quilombolas, pois com reconhecimento fica mais fácil o seu acesso a outros serviços, por exemplo, a instalação de escola no interior do próprio quilombo. No caso da Comunidade Dona Juscelina, essa regulamentação foi publicada em 2010, pelo Processo Incra 54400.000823/2010-31 e a Portaria 51/2010.

O almoço foi coletivo, cada visitante ajudou com algum alimento. Já o preparo ficou por conta de pessoas voluntárias do Quilombo. A preparação e a distribuição dos pratos ocorreram na sede do Quilombo para todos os que estavam prestigiando e trabalhando no festejo. Essa coletividade

parece ser um traço de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas quanto ao modo de tratar o visitante, conforme fui informado pelo professor Hélio no dia.

Durante o horário de almoço, nosso grupo descansou à beira de do rio Murici, bem próximo ao local do evento. Durante esse descanso, conversamos e refletimos sobre o que havíamos vivenciado até aquele momento. Com o grande volume de informações que recebemos, o diálogo com os colegas ajudou muito a processar o que havia se passado naquela manhã.

No período da tarde houve uma mesa redonda chamada: “Cultura e identidade: o resgate através da aceitação e conhecimento, o cabelo como ressignificação da beleza negra”, composta por pesquisadoras da UFT e jovens militantes. Nas suas falas, perspectivas sobre as estéticas capilares de afrodescendentes e desde a imposição de alisamentos ocorrida durante anos até o momento atual em que as práticas de alisamento são questionadas e os cabelos crespos são cada vez mais comuns. Houve uma intensa participação da plateia, com relatos de histórias sobre cabelos crespos de crianças e mulheres, os alisamentos, e a transição para o cabelo natural.

Ali ficou claro o apelo para se dar basta ao uso de produtos que apagam os traços da identidade negra. Foi ressaltado o papel de grupos nas redes sociais que iniciaram pela discussão de produtos para cabelos e se consolidaram como grupos de luta pela afirmação de identidades negras. As palestrantes citaram casos de mulheres que chegaram a fazer loucuras pelo cabelo liso. Para elas, a ajuda de outras foi importante para conseguirem passar pela fase de transição, que é o período mais difícil desse processo de afirmação, segundo relataram. No fim da tarde foi dada uma oficina de turbante pela professora Kênia Gongalves e adolescentes do grupo “cacheadas in love”, nessa oficina também foi explicado que o turbante não é apenas coisa de cigano e líder de religião de matriz africana, é uma acessório de identidade negra.



Imagem: Visita Técnica ao Quilombo Dona Juscelina, com a matriarca ao centro. Arquivo pessoal dos autores. 12/05/2018.

O retorno ao Campus Araguaína foi muito tranquilo, e foi conversado entre os colegas sobre tudo aquilo que aconteceu de forma marcante para todos. Cheguei em casa por volta das 19h, com o sentimento de dever cumprido. A minha primeira vivência naquela comunidade foi incrível. No caminho, muitos pensamentos na minha cabeça: fiquei pensando e sentindo as marcas de um período tão cruel da nossa história: a escravidão. Nos meus sentimentos, a questão do tempo. Depois de 130 anos da Abolição da escravidão. Senti-me privilegiado de poder olhar isso de perto. Se minha vontade no começo era de conhecer mais de perto a Griô, felizmente, eu consegui o meu objetivo. E acredito que pude ir além: entendi toda aquela carga de sentimento que Dona Juscelina carregou por tantos anos. Algo que, por mim, sempre será lembrado quando se falar de comunidade quilombola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após participar da visita, notamos que ainda existe um longo caminho para avançarmos na superação do racismo e sua lógica de destruição do corpo negro, física e culturalmente. Como estratégia de enfrentamento, o conhecimento dessas comunidades e sua valorização é questão essencial, porque, 130 anos depois da abolição, estas marcas ainda estão vivas, pulsando em minha pele e no meu cabelo crespo, vulgo- pixaim, apontados, na minha vida escolar, como marcadores de inferioridade e desprestígio por colegas da escola. Por fim, o racismo que vitima comunidades negras e quilombolas e que se estende à nós, negros e negras, deve ser enfrentado, denunciado e superado, para que o povo negro, possa, enfim, gritar a liberdade perdida nos porões dos navios negreiros. Ao fim desse trabalho, houve, por parte dos discentes, reposicionamentos no que tange à necessidade de políticas públicas de inclusão das comunidades quilombolas e do povo negro de modo geral. Por fim, nossa visita ao quilombo, mais uma das ações do NEABI, faz do IFTO protagonista na implementação da lei 10.639/03, contribuindo para avançarmos na inclusão do povo negro nos espaços de prestígio que o ambiente acadêmico produz e, que, não raro, é um dos principais lugares onde nossa exclusão aparece.

REFERÊNCIAS

BEAUD, S; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL. Decreto 7.824, de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 de outubro de 2012. ano CXLII, nº199, p.6. Disponível em: <goo.gl/mRaEdu>. Acesso em 25 out. 2017.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Rev. **Antropologia**. São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00347012004000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 Agosto 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

FAUSTINO, F.G.; SILVA, G. C.; ALMEIDA, I. E. A. NASCIMENTO JÚNIOR, J. B. Design de interiores em habitações populares: estudo de caso em habitações do Conjunto Mangabeira VII. In: **CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**, 1, 2017, Natal. **Anais**. Natal: CEFET-RN. 1 CD-ROM.